

**A LEITURA NA LÍNGUA ESTRANGEIRA:  
UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LEITURA E DISCURSO\***

**READING IN A FOREIGN LANGUAGE:  
A PROPOSAL OF READING AND DISCOURSE BASED TEACHING**

ENIO DE OLIVEIRA\*\*

**RESUMO:** Neste artigo, refletimos sobre algumas práticas de ensino de leitura em aula de língua estrangeira. Temos como pressuposto que, para que faça sentido para o aluno, o processo de ensino/aprendizado de uma língua estrangeira deve considerar que uma língua não é aprendida somente pelo estudo de sua estrutura, ou seja, o aluno nunca se inscreverá na ordem do dizer de uma língua estrangeira somente pelo estudo da estrutura desta língua. Os professores devem considerar que, ao aprenderem uma língua, os alunos se inserem em um discurso, dado o fato de haver juntamente com as estruturas da língua, os funcionamentos discursivos. Para desenvolver tais reflexões, basear-nos-emos nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linhas francesa e brasileira e teremos como corpus de análise quatro textos em inglês que se referem aos rios estadunidenses Colúmbia e Snake. Embora se refiram ao mesmo objeto referencial, esses quatro textos guardam suas diferenças na forma e maneira como significam os rios. Analisaremos os funcionamentos lingüísticos e discursivos desses quatro textos utilizados em algumas de nossas aulas.

**Palavras-chave:** ensino; leitura; língua estrangeira.

**ABSTRACT:** In this paper we discuss some practices of reading in foreign language classes. We take for granted that if we want the process of foreign language learning to make sense to the students it must be considered that a language is never learnt just by its structure, that is, a student will never learn a language just by learning its rules of functioning. Teachers must consider that a student learns a language together with discourse, due to the fact that there are the rules of a language but there is also the event. We base this study on the theoretical underpinnings of Discourse Analysis of Brazilian and French lines, and

---

\* Esse artigo é resultado de reflexões construídas a partir de discussões realizadas pelo grupo de pesquisa "Antologias Bilingües, Discurso e Práticas Letradas" coordenado pela Profa. Dra. Silvana Mabel Serrani e do qual faço parte.

\*\* Doutorando no Departamento em Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

our empirical corpus consists of four different texts concerning to the Snake and Columbia Rivers in the USA. Even relating to the same referential object, these texts keep their differences in the way they refer to the rivers. We analyze the linguistic and discursive functioning of four texts used in some classes of ours.

**Keywords:** teaching; reading; foreign language.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho se enquadra no rol de estudos em Linguística Aplicada que têm como foco de discussão as práticas de ensino de leitura de inglês como língua estrangeira (doravante LE). É objetivo deste artigo discorrer sobre o trabalho de ensino de leitura em LE, concebendo-o em seu caráter processual e constitutivo dos diversos discursos que configuram esse ensino. Para tanto, realizaremos uma análise pré-pedagógica (cf. Serrani: 2003) de quatro textos constitutivos de uma região discursiva ligada à preservação e restauração dos recursos naturais dos rios *Snake* e *Columbia*, no Oeste dos Estados Unidos da América. Uma vez possível perceber, por meio de nossa análise, o funcionamento discursivo, podemos adiantar que esses textos são constitutivos do gênero discursivo argumentativo, pois todos apresentam uma construção de lugares enunciativos marcados pela tentativa de convencimento do leitor sobre a necessidade de salvação dos rios. Para a realização deste nosso trabalho, apoiar-nos-emos em fundamentos teórico-analíticos da Análise de Discurso francesa e brasileira. Vale lembrar, ainda, que as atividades sobre as quais refletiremos aqui foram trabalhadas com alunos universitários do curso de Relações Internacionais em uma Faculdade de iniciativa privada.

## 1. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LEITURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Pensar a questão do ensino de leitura em LE, segundo a perspectiva da Análise de Discurso, é pensar em um processo de tomada de palavra, assim como de posição discursiva, que se dá mediante a consideração da materialidade lingüística da LE estudada, ou seja, da estrutura lingüística da LE, assim como a consideração do acontecimento discursivo. Em outras palavras, considerar que o texto que os alunos devem ler não pode ser concebido como pretexto para se ensinar algum tópico da estrutura, da gramática, mas para realmente inserir o aluno na discursividade aberta pelo texto.

Como dito anteriormente, e melhor explicado logo adiante, tomamos como fonte para nossas aulas textos que têm como ponto de convergência o mesmo objeto referencial. Todos abordam, guardando suas diferenças, a questão das barragens nos rios estadunidenses Snake e Columbia. Com o objetivo de contrastar os efeitos de sentidos entre diferentes formações discursivas sobre o mesmo objeto de discurso, escolhemos,

também, um texto do gênero publicitário que põe em evidência o mesmo referencial discursivo, porém, a partir de uma outra região interpretativa.

É importante ressaltar que, para nós, a noção de gênero não predetermina o funcionamento do texto, pois, assim como sugere Orlandi (2001), deve-se passar da noção de função para a de funcionamento, ou seja, não é pelo fato de o texto ser classificado como do gênero argumentativo, que as posições dos sujeitos sobre os objetos do discurso deverão seguir um determinado padrão, e que os sujeitos-leitores terão somente uma possibilidade de leitura do texto<sup>1</sup>. Deve-se considerar, no entanto, que o processo de ensino de LE não pode se dar no vácuo, ou seja, deve-se atentar que os sujeitos, ao enunciarem, se posicionam de uma determinada forma e enunciam sempre determinados pela relação que estabelecem com o referente discursivo e com seus interlocutores. Desta forma é que concordamos com a noção de gênero proposta por Bakhtin (1992), ou seja, que a tomada de posição de sujeitos perante seus interlocutores – o querer dizer do locutor – se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática, conjunto constituído dos parceiros. Ainda para Bakhtin (*op. cit.*), além do gênero, a percepção que o locutor tem do seu destinatário é responsável pela escolha do gênero do enunciado, pela escolha dos procedimentos composicionais e, por fim, pela escolha dos recursos lingüísticos, ou seja, o estilo de seu enunciado. O autor afirma, ainda, ser necessário não ficar nos níveis da língua, tal como a oração, ou palavras. Daí a importância em considerar seus estudos quando se pensa a noção de gênero para o ensino de leitura em LE.

Por meio da análise dos textos escolhidos, pretendemos mostrar que o ensino da leitura de inglês como LE pode tratar de questões não meramente ligadas à língua como sistema fechado em si mesmo – estrutura –, mas como um espaço de materialização de lugares enunciativos que remetem a memórias discursivas e as resgatam sobre determinados referentes do discurso, isto porque, segundo Serrani (*op. cit.*) “*não se deve conceber o ensino de línguas como mero instrumento a ser dominado pelo aluno, e de acordo com progressões de complexidade morfossintáticas ou de situações comunicativas*”. Para tanto, trabalhamos, nesta proposta, como dito anteriormente, com a noção bakhtiniana de gênero discursivo e com a noção de sílabo pluricultural que, segundo Serrani (2003), é aquele de língua/discurso e aquele de práticas de produção/compreensão verbal. A autora considera três sílabos com conteúdos específicos, sendo eles: I) sílabo pluri/intercultural; II) sílabo de língua-discurso e III) sílabo de práticas de produção-compreensão discursiva.

A proposta da autora põe em evidência a necessidade de se trabalhar os conteúdos e contextos sócio-culturais atrelados às práticas languageiras-discursivas, e não apenas como meros complementos dos conteúdos da língua. A opção de Serrani (*op. cit.*) em denominar o sílabo como pluri/intercultural se deve ao reconhecimento, desenvolvimento e inclusão

---

<sup>1</sup> Vale lembrar, que é comum conceber no ensino de leitura a determinação do gênero discursivo como um fechamento da possibilidade de significação, ou seja, concebe-se, de forma geral, que, se um texto é narrativo ele deve contar uma história e não servir como espaço em que um enunciador marca sua posição sobre determinado referente.

da pluralidade e da diversidade nos conteúdos como condição básica para a compreensão da dimensão constitutivamente heterogênea de toda língua.

Seguindo tais pressupostos, analisaremos o funcionamento de três textos do gênero discursivo argumentativo e um quarto texto do gênero publicitário, que, no entanto, tem como objeto o mesmo referente de discurso que os outros, as barragens nos rios Snake e Columbia. Analisaremos, ainda, os possíveis efeitos de sentidos produzidos em aula de leitura a partir da leitura de mapas, pois concebemos este tipo de leitura, dentre outras, como uma importante forma de construção da textualização de um determinado objeto discursivo e que não constrói significado apenas sobre um campo demarcado geograficamente, mas está atrelada a um processo de significação dos aspectos sociais, econômicos e históricos dos sujeitos que vivem no lugar a que o mapa se refere. Segundo Serrani (2003), o aprendiz de línguas tem necessidade de localização geográfica, de relacionar a língua a um espaço. O território, aqui, é concebido como um espaço intrinsecamente vinculado com a vida humana, que é social. Eis aí, a necessidade de se relacionar sempre a língua e as atividades da cultura meta a diferentes espaços e habitat sociais. Seguindo ainda a proposta de Serrani, analisaremos como os textos trabalham as diferenças sociais, étnicas, históricas que identificam os grupos de indígenas estadunidenses.

## 2. SOBRE OS TEXTOS UTILIZADOS NA ATIVIDADE DE LEITURA

Os três primeiros textos com os quais trabalhamos se referem aos problemas atuais que envolvem os rios Snake e Columbia; no entanto, como fazem parte de diferentes perspectivas discursivas, tratam o referente com determinadas diferenças marcadas discursiva e lingüisticamente.

O primeiro texto, dividido em duas partes, “**Columbia River Treaty Tribes**” e “**The Importance of Salmon to the Tribes**”, trata-se de um manifesto das tribos indígenas estadunidenses em que é possível observar uma argumentação fundada na história dos povos e em um apelo ao emotivo do leitor. O eixo argumentativo do texto é: se não x, logo y, onde x é “*se o rio não for salvo*”, e y é “*o salmão será extinto*”, logo os indígenas das tribos morrerão, daí decorre o efeito de sentido de que salvar os rios é salvar os indígenas.

O segundo texto, “**The Science Is In**”, trata-se de um trecho de uma carta enviada ao presidente dos EUA em que um grupo de cientistas que estudam os efeitos das barragens hidroelétricas nos rios tenta convencer as autoridades políticas, pela utilização de argumento científico, lugar da legitimidade, da necessidade de se desativarem as barragens. Seu eixo argumentativo é: Salvar os rios é x onde x equivale a “*considerar os resultados dos estudos realizados pelos cientistas*”.

O terceiro “**Wild Snake River Salmon... An American Treasure at Risk of Extinction**” trata-se de um texto cuja característica é a congregação de várias instituições e que elenca várias ações a serem feitas para salvar os rios. Seu eixo argumentativo é: se x, logo y, onde x é “*a união das várias organizações em torno de um mesmo objetivo*” e y é “*o objetivo seja alcançado*”.

O quarto e último texto “**Welcome to the Grand Coulee Dam Area**” é de uma chamada publicitária cujo objetivo é fazer com que turistas visitem as barragens hidroelétricas que, nos textos anteriores, são vistas como o grande carrasco para a sobrevivência dos rios. Seu eixo argumentativo é desconsiderar x, para que y, onde x é “os rios estão em perigo” e y é “turistas devem visitar o rio”.

Dado isso, será objetivo de nossa análises mostrar a possibilidade de se perceberem as fronteiras de um enunciado pertencente a um determinado discurso, e não a outro. Lembramos aqui, novamente, Bakhtin (*op. cit.*) que afirma que um enunciado pode ser diferenciado por algumas particularidades, sendo uma delas a alternância dos sujeitos que compõem seu contexto, transformando-o em uma massa compacta rigorosamente circunscrita em relação aos outros enunciados vinculados a ele. Segundo essa noção, podemos analisar o modo de enunciação do primeiro texto sobre os índios e as formas como eles se posicionam em relação aos seus interlocutores. Tomamos aqui o texto como unidade de análise, e não o enunciado ou a frase ou a palavra; saímos, então, de uma relação referencial para a textualização do discurso. Assim, para viabilizarmos unidades de análise recorreremos ao conceito de *ressonância discursiva* (cf. Serrani) que nos permite mostrar como, no texto, estão marcadas as posições dos sujeitos que aí se significam.

É pela análise das ressonâncias discursivas que podemos esquadrihar as posições enunciativas em que se colocam os índios. Vejamos, por exemplo, nos seguintes trechos, o funcionamento da utilização do pronome “nós/we” e suas flexões “nosso (a) /our”:

“Without salmon returning to our rivers and streams, we would cease to be Indian people  
Salmon are part of our spiritual and cultural identity”.

É possível afirmar que os enunciadores desse texto assumem uma posição enunciativa que corrobora na construção de sentidos segundo os quais os índios fazem parte da natureza, e que, dessa forma, não é possível imaginar a vida de um índio sem o salmão. Salmão e índio passam a compartilhar do mesmo lugar na natureza. Dessa forma, preservar o salmão é salvar o índio, é garantir-lhe o direito de viver.

Ao se significarem como parte integrante da natureza, na mesma escala discursiva que o salmão, considerado um símbolo nacional, os enunciadores alocam seus interlocutores, os leitores, na posição daqueles que devem ajudar a preservar a natureza, que, aqui, é personificada pelo índio e o salmão. Quando a voz do índio se faz escutar no texto, esta constrói o efeito de sentido de que a própria natureza está pedindo socorro.

Em seguida, podemos notar que nos demais textos “*The Science Is In*”, “*Wild Snake River Salmon... An American Treasure at Risk of Extinction*”, há diferentes formas de construção do lugar enunciativo para os sujeitos. Embora sejam textos pertencentes ao mesmo gênero discursivo, podemos observar que a construção dos lugares de enunciação segue outras regras de formação. Isso porque, o texto, compreendido como unidade de significação, remete a um discurso, a uma historicidade, as diferentes posições de sujeito (de índio, que vê sua tribo sem peixe; de cientista, que pretende legitimar ações científicas em prol de obras no rio; de ativistas ecológicos, que defendem uma causa). Dessa forma, os

efeitos de sentido que as palavras “rios, salmão, progresso, etc.” produzem, a partir das diferentes posições que os sujeitos ocupam no discurso, bem como os sentidos de defender a natureza, historicamente marcados, de alguma forma, constituem/trabalham a materialidade em questão e as condições de produção do seu discurso. Assim, embora as palavras “rios, salmão, progresso” possam fazer referência aos mesmos objetos, não têm, absolutamente, o mesmo significado para o índio, para o cientista, para o ativista nem para o publicitário. Tal fato se dá porque a posição de onde o sujeito enuncia não lhe é indiferente ao modo como ele enuncia.

Há, devido às diferentes posições discursivas ocupadas pelos sujeitos, diferentes formas de construir um significado para a temporalidade, sendo possível percebermos que, no texto dos índios, o passado é significado como o momento em que os índios eram felizes, pois havia muito salmão, enquanto o presente, por outro lado, é significado como um momento em que eles enfrentam o problema da escassez do salmão. Dessa maneira, o futuro é significado a partir do domínio da incerteza, pois, se o salmão acabar, os índios morrerão. (passado = memorável + presente = preocupante, logo, o futuro dependente das ações que forem postas em práticas).

No texto assinado pelos cientistas, o passado, antagonicamente ao passado memorável dos índios, é descrito como um momento de ações lesivas aos rios, um passado vergonhoso que deve ser esquecido. Já o presente é instável, porém há possibilidades de melhoras, como apontam suas pesquisas, desde que as condições dos cientistas forem acatadas. O futuro depende exclusivamente da ação da ciência.

Notamos que, embora as noções de passado e presente sejam completamente diferentes, até mesmo, antagônicas – devido a diferentes relações dos sujeitos com a noção de tempo – o mesmo não acontece em relação ao futuro, fato que é responsável pelo compartilhamento de preocupações. É justamente essa preocupação com o futuro que aloca o referente desses textos em uma mesma esfera de significação. Ou seja, todos se reúnem na tentativa de salvar o futuro dos rios e de seus dependentes.

Para a realização da proposta aqui esboçada, estamos nos guiando pela noção de Análises Pré-Pedagógicas, desenvolvidas por Serrani (2003), sendo que essas análises, de base discursiva, nos permitem distinguir tipos de memórias mobilizadas para construir posições argumentativas nos textos. Propomos, então, alguns estudos do funcionamento textual das construções sintáticas e uma caracterização discursiva da seleção lexical, a fim de tornar possível a percepção da não-transparência dos textos ao olhar do sujeito leitor e acentuar os efeitos de alteridade. É pela análise pré-pedagógica que podemos perceber, por exemplo, o movimento de construção de homogeneização das tribos indígenas no texto 01 em prol de um apagamento da heterogeneidade constitutiva das tribos. Nesse momento, ser heterogêneo significa abrir possibilidades para dissidências e para diferentes concepções de enfrentar o problema, o que poderia causar um enfraquecimento da luta.

Segundo Pêcheux (1990), “há um real constitutivamente estranho à univocidade lógica do saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina e que, no entanto, existe produzindo efeitos”. Nossa proposta visa fazer compreender esse tipo de real, sujeito à interpretação e que se dá no cruzamento da língua com a história. O princípio dessa prática

de leitura consiste em levar em conta a relação do que é dito em um discurso, e o que é dito em outro, por exemplo, o que é dito pelos cientistas sobre as barragens nos rios e não ditos pela agência de publicidade, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando “escutar” a presença do não-dito no que é dito: presença produzida por uma ausência necessária. Como só uma parte do dizível é acessível ao sujeito – as diferentes posições dos sujeitos resultam de sua inscrição em diferentes regiões de sentidos (diferentes formações discursivas) – com esta escuta, poderemos dar ouvido àquilo que o sujeito diz e aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de “suas” palavras.

Antes de seguirmos com nossas reflexões, é preciso salientar que concordamos com a distinção elaborada por Orlandi (2000:26) no que concernem as noções de inteligibilidade, de interpretação e de compreensão. Segundo a autora,

“a inteligibilidade refere o sentido à língua: “ele disse isso” é inteligível. Basta se saber português para que esse enunciado seja inteligível; no entanto, não é interpretável, pois não se sabe quem é ele e o que ele disse. A interpretação é o sentido pensando-se o co-texto (as outras frases do texto) e o contexto imediato. Em uma situação “x”, Maria diz que Antônio vai ao cinema. João pergunta como ela sabe e ela responde: “Ele disse isso”. Interpretando: “ele” é Antônio e “o que” ele disse é que vai ao cinema. No entanto, a compreensão é muito mais que isso. Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc.) produz sentido. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta já se está preso a um sentido. A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem. Por exemplo, nas palavras de Maria, pode-se compreender que ela não quer ir, ou que Antônio é quem decide tudo, ou que ele está indo a outro lugar etc.”

Considerando tal explicitação, diríamos que no ensino de leitura em LE, ao se considerar o fato de que os textos estão em uma língua estrangeira, deve-se propiciar, então, aos alunos um primeiro momento de inteligibilidade do material lingüístico, da escrita em si em LE, trabalhando-se as suas diferenças com a LM, as palavras desconhecidas pelos alunos, enfim, várias atividades que tenham como objetivo trabalhar com o lingüístico. Em seguida, propiciar um aprofundamento sobre o objeto discursivo, aferindo questões de interpretação, levar os alunos a entenderem quais as posições dos enunciadorees no texto, a idéia que defendem/refutam, os objetos a que se referem e, finalmente, focar as questões ligadas à compreensão, ou seja, questões referentes ao processo discursivo que são determinantes das posições dos enunciadorees e da produção do texto.

### **3. RELATOS DE ATIVIDADES EM SALA DE AULA**

#### **Texto 01 (1.ª parte)**

#### **Columbia River Treaty Tribes**

The Nez Perce Tribe, the Confederated Tribes of the Umatilla Indian Reservation, the confederated Tribes of the Warm Springs Reservation of Oregon, and the Confederated

Tribes and Bands of the Yakama Indian Nation are the only tribes in the Columbia Basin to have reserved rights to anadromous fish in 1855 treaties with the United States.

The people of these tribes have always shared a common understanding — that their very existence depends on the respectful enjoyment of the Columbia River Basin's vast land and water resources. Indeed, their very souls and spirits were and are inextricably tied to the natural world and its myriad inhabitants. Among those inhabitants, none were more important than the teeming millions of anadromous fish enriching the basin's rivers and streams.

Despite some differences in language and cultural practices, the people of these tribes shared the foundation of a regional economy based on salmon. To the extent the resource permits, tribal people continue to fish for ceremonial, subsistence and commercial purposes employing, as they always have, a variety of technologies. Tribal people fish from wooden scaffolds and from boats, use set nets, spears, dip nets and poles and lines. Tribal people still maintain a dietary preference for salmon, and its role in ceremonial life remains preeminent. Salmon is important and necessary for physical health and for spiritual well-being.

Today, perhaps even more than in the past, the Columbia River treaty tribes are brought together by the struggle to save the salmon and by shared spiritual traditions such as the first salmon feast.

Primeiramente, iniciamos uma discussão para perceber o funcionamento das memórias do que é ser um sujeito-índio em diferentes tribos indígenas brasileiras e estadunidenses na história de leitura de nossos alunos. Para aprofundarmos as discussões do que é ser um índio no Brasil, lembramos rapidamente do caso do índio Galdino Jesus dos Santos, da tribo Pataxó Há Há Hae, assassinado por alguns adolescentes em Brasília em 20 de Abril de 1997 e a repercussão que o caso teve no Brasil. Levamos também para os alunos um material de alfabetização presente em várias salas de aula de algumas escolas de educação básica da prefeitura de Campinas. Esse material consiste de uma justaposição das letras do alfabeto e de algumas figuras cujo nome começa com a letra representada no cartaz. Assim, no cartaz onde se vê a letra A, há o desenho de um pé de alface e a palavra alface, no cartaz da letra B, há o desenho de uma bola, e a palavra *bola*, no C, um *cachorro*, etc. No cartaz da letra I, há o desenho de uma indiazinha sem nome próprio, com a palavra *índia*. No cartaz da letra K, há uma menina loira, cujo nome é *Karina*. No cartaz da letra W, há um menino de nome *Wesley*. No cartaz da Letra Y, *Yuri*. O que queríamos que os alunos percebessem era a questão da nomeação do índio no Brasil. Enquanto os nomes *Karina*, *Wesley* e *Yuri* são pessoas significadas a partir de um processo institucionalizado cuja identidade, assim como sua posição de sujeito, é reconhecida lingüística e discursivamente pelo estado, com direito a nome, a marcas de identificação, a *índia* é significada apenas como um substantivo simples. Como mais um dos objetos ali presentes. *Índia* e alface, bola, cachorro, dado, elefante, faca, gato, hipopótamo, igreja, jibóia, etc. significam a partir de um mesmo lugar, o lugar de coisa. Já *Karina*, *Wesley* e *Yuri* funcionam no lugar de pessoas identificadas a partir de um nome próprio.

Em seguida, quando os alunos já estavam em contato com a discursividade sobre os índios e com o texto em inglês em mãos, direcionamos sua leitura para uma percepção das marcas discursivas identificatórias da materialização do caráter comparativo constitutivo da significação do texto. Ou seja, pedimos aos alunos que identificassem como o texto aloca as tribos estadunidenses em um mesmo espaço de dizer. Trabalhamos, então, de forma a levar nossos alunos a perceberem que as tribos indígenas, embora, neste texto, sejam ditas a partir de um mesmo lugar discursivo, não podem ser concebidas como homogêneas. Discutimos, então, as possíveis diferenças entre as tribos que, embora não citadas no texto, estão na base de sustentação de seus traços identificatórios, as significariam não como uma só tribo, mas como diversas tribos com seus traços culturais distintos.

Foi possível perceber, em sala, que ao situar as tribos em uma mesma posição enunciativa, o texto produz efeitos de sentido de homogeneização sobre as formas de dizer as tribos que, em outros textos, por exemplo, aqueles que abordam a história de cada tribo, a(s) forma(s) de falar, serão textualizadas diferentemente, pois são as diferenças, algo apagado neste texto (cf. recorte 1), que fazem com que as tribos não sejam apenas uma. Os alunos puderam perceber que a textualização do problema da extinção do salmão é utilizada pelo enunciador do texto para colocar todas as tribos em uma mesma posição, no entanto, sabe-se que do ponto de vista histórico-discursivo que as tribos têm suas particularidades. Depois da discussão pedimos que os alunos escrevessem quais seriam as diferenças que possivelmente distinguiriam uma tribo de outra.

Mostramos aos alunos que o enunciador utiliza o recurso da descrição das tribos como um meio de aumentar quantitativamente o número de militantes em prol da causa defendida por ele, ou seja, quanto mais tribos unidas em prol da causa, mais força de argumentação o texto ganha.

Outra atividade, cujo resultado vale ser destacado, foi a de se propor uma análise das contradições do texto. Expliquemo-nos. Embora as tribos sejam significadas como diferentes, somente as semelhanças entre elas são citadas, ou seja, a dependência do salmão. Dessa forma, foi possível ver que a linha de argumentação geral do texto não aponta para a diferença, mas sim para a homogeneização. Ou seja, todas as tribos, ao serem ditas como dependentes do salmão, passam a representar não mais várias tribos com suas características, histórias, culturas diferentes, mas apenas o povo que depende do salmão e que precisa de ajuda. Para exemplificar essa discussão, analisamos conjuntamente o seguinte enunciado: *“Despite some differences in language and cultural practices, the people of these tribes shared the foundation of a regional economy based on salmon”*.

Embora o texto mencione a existência de diferenças culturais e lingüísticas entre as tribos, não há referência aos traços dessas diferenças, ou seja, quais línguas as tribos falam, quais as suas cerimônias, etc. Esta abrupta passagem de várias tribos diferentes para apenas um povo – o indígena – é marcado no texto. Como podemos observar, no início do texto são citados os nomes das tribos *“The Nez Perce Tribe, the Confederated Tribes of the Umatilla Indian Reservation, the Confederated Tribes of the Warm Springs Reservation of Oregon, and the Confederated Tribes and Bands of the Yakama Indian Nation”*, sendo que mais adiante, elas passam a ser referidas como *“The people of these tribes”* para mais

adiante “*Tribal people*”, que é a forma escolhida para dar um fechamento ao texto. Temos aí um direcionamento argumentativo – do geral/hetero para o particular/homo – conduzindo o leitor para um efeito de sentido: o de que há apenas uma nação indígena. Em síntese, o movimento de sentidos/argumentativo de que falamos há pouco leva a um apagamento da alteridade.

O salmão, eixo que norteia a argumentação dos textos, é apontado como o responsável pela unificação das tribos, pois dessa unificação depende a sobrevivência de ambos, tribos e salmão. Como podemos observar no seguinte trecho: “*the Columbia River treaty tribes are brought together by the struggle to save the salmon and by shared spiritual traditions such as the first salmon feast*”.

Procuramos mostrar, então, para os alunos, que o modo de textualização das tribos indígenas como parte da natureza direciona a leitura para uma determinada região de sentidos excluindo outras; por exemplo, não é possível, depois da leitura do texto, acusar as tribos indígenas de contribuírem para a extinção do salmão, ou mesmo, relatar que há discordâncias e pontos de vistas diferentes entre as tribos quanto a melhor forma de lidar com o problema.

A palavra “*struggle*” (luta/disputa), por exemplo, quando relacionada à história das tribos indígenas, pode fazer parte de uma memória discursiva que aponta para a idéia de guerra entre as tribos, mas o modo de enunciação a faz deslizar para uma guerra em que as tribos passam abruptamente de inimigas para aliadas, com o objetivo comum de combater um único inimigo: a extinção do salmão. Mostramos, assim, ao aluno, como o texto põe em prática uma outra forma (discursiva) de dizer uma palavra (*struggle*), cuja memória discursiva está constitutivamente relacionada à guerra entre as tribos<sup>2</sup>, para um novo sentido em que as tribos lutam juntas como aliadas. Não haveria outra forma de esta palavra ser utilizada pelo enunciador, pois, ao contrário, o objetivo de sua argumentação não surtiria o efeito desejado de união das tribos sobre o leitor.

#### Texto 01 (2.ª parte) *The importance of Salmon to the Tribes*

Salmon play an integral part of tribal religion, culture, and physical sustenance. Listed below is a short list of the many ways that the tribes consider the salmon to be sacred.

- Salmon are part of our spiritual and cultural identity.
- Over a dozen longhouses and churches on the reservations and in ceded areas rely on salmon for their religious services.
- The annual salmon return and its celebration by our peoples assures the renewal and continuation of human and all other life.
- Historically, we were wealthy peoples because of a flourishing trade economy based on salmon.
- For many tribal members, fishing is still the preferred livelihood.

---

<sup>2</sup> Sabe-se que há uma memória cristalizada/naturalizada por livros de História, principalmente, que significa as diferentes tribos como inimigas umas das outras e que sempre vivem em disputas, guerras.

- Salmon and the rivers they use are part of our sense of place. The Creator put us here where the salmon return. We are obliged to remain and to protect this place.
- Salmon are indicator species: As water becomes degraded and fish populations decline, so too will the elk, deer, roots, berries and medicines that sustain us.
- As primary food source for thousands of years, salmon continue to be an essential aspect of our nutritional health.
- Because our tribal populations are growing (returning to pre-1855 levels), the needs for salmon are more important than ever.
- The annual return of the salmon allows the transfer of traditional values from generation to generation.
- Without salmon returning to our rivers and streams, we would cease to be Indian people.

Nessa segunda parte do primeiro texto, vimos que há uma mudança no foco de atenção que passa das tribos para o salmão, cuja importância está ligada à própria existência das tribos. Pedimos que os alunos identificassem a predicação para salmão. Assim, foi possível ver que salmão passa a representar, durante o texto, não somente uma espécie de peixe, mas *tribal religion, cultural and physical sustenance*. Em seguida, foi possível que os alunos percebessem a presença de argumentos cujo funcionamento era o de ligar o salmão ao índio. Assim, os alunos puderam perceber, de acordo com a materialidade discursiva do texto, que falar da história das tribos é falar da presença do salmão, como se a história de um estivesse colada à história do outro.

Assim, pedimos aos alunos que identificassem como, no texto, há formas de significação do salmão atreladas à própria identidade do índio, sendo que eles levantaram o seguinte:

- 1 spiritual and cultural identity
- 2 religious services.
- 3 renewal and continuation of human and all other life.
- 4 wealthy peoples
- 5 the transfer of traditional values
- 6 fishing is still the preferred livelihood
- 7 Salmon are indicator species
- 8 an essential aspect of our nutritional health

Na tentativa de convencer o leitor de que o índio depende do salmão, é feita uma seleção e justaposição de vários argumentos em prol que atestam a necessidade do salmão para o índio. Os alunos notaram que o texto constitui-se de uma colagem de depoimentos recortados de vários integrantes das tribos que, mesmo ao falarem ‘we’ (nós) não se identificam como sendo de uma ou outra tribo. Por esse recurso, notamos, mais uma vez, que os índios de todas as tribos são alocados em um mesmo lugar. Consideramos aqui, a afirmação de Orlandi (2001), que o interdiscurso determina o intradiscurso, uma vez que a

língua é o lugar material em que inconsciente e ideologia se articulam. O interdiscurso deve ser pensado como parte do funcionamento ideológico da linguagem que, por sua vez, está materialmente ligado ao inconsciente. Possibilidade de, pela análise, detectar os pontos em que faz efeito a relação do real da língua com o real da história, ou, em outras palavras, o modo como a ideologia está na língua e esta está no discurso. É pela mobilização da noção de determinação do intradiscurso pelo interdiscurso que podemos mostrar como a forma textual de elaboração escolhida pelo enunciador, a sintaxe do texto, i.e. lista de argumentos da importância do salmão para os índios, não acontece por acaso, mas por uma determinação história.

Em sua definição, o interdiscurso é o conjunto de dizeres já-ditos e esquecidos que determinam o que dizemos, sustentando a possibilidade mesma do dizer. Para que nossas palavras tenham sentido é preciso que já tenham sentido. Esse efeito é produzido pela relação com o interdiscurso, a memória discursiva: algo fala antes, em outro lugar, independentemente. (Orlandi, 2001: 59).

Logo em seguida, pedimos aos alunos que lessem os textos sobre o tratado de utilização do rio Columbia e a importância do salmão para a sobrevivência da tribo. Eis alguns objetivos alcançados por meio da atividade:

1 Alunos perceberem a predominância argumentativa de um enunciado sobre outros assim como a direção argumentativa;

2 Dominâncias enunciativas em expansão (enunciados que dominam outros que sustentam o argumento do primeiro);

3 Alunos fizeram uma análise da relação temporal presente no texto – passado (momento em que os índios eram felizes, pois havia muito salmão) x presente (momento em que já não há tanto salmão) = futuro (incerto, pois, se o salmão acabar, os índios também acabarão);

4 Estudaram as marcas de tempo (passado/presente e futuro);

5 Relação do homem com o meio ambiente – quais palavras, estruturas mostram essa relação;

6 Identificaram os momentos em que a pessoa do texto aparece marcada;

7 Quais os argumentos utilizados para aproximar o leitor da causa defendida pelo enunciador;

8 Analisaram o papel que o enunciador direciona à História do povo indígena;

9 Perceberam a união/massificação presente no texto em relação aos povos indígenas, efeito de unidade, apagamento das diferenças em prol de uma luta unificada;

10 Questão identitária dos índios ligada ao salmão;

11 Argumentos da religião/cultura/sustentabilidade das tribos e do direito de pesca adquirido com os tratados;

12 Ler os mapas onde se localizam o Rio Columbia para localizar geograficamente as tribos de que falam os textos;

Ao final da atividade de leitura e discussão, pedimos aos alunos que escrevessem uma carta aos índios americanos, relatando a situação dos índios no Brasil. Este texto foi entregue pelos alunos, lidos por nós e comentados em aulas posteriores.

Na aula seguinte fizemos a leitura do texto “**The Science Is In**”, sendo que nosso objetivo foi fazer com que os alunos vissem, desde o título, o lugar de onde os argumentos seriam construídos, daí pedimos que identificassem os possíveis vocabulário e argumentos que eles imaginavam que cientistas usariam para defender suas causas. Propusemos, também, uma discussão sobre os possíveis efeitos da construção de uma barragem no ciclo vital de um rio. Em seguida, levantamos argumentos prós e contras para a construção de uma barragem, sendo que, desta vez, os alunos deveriam ter em mente argumentos ditos científicos para fundamentar suas opiniões. Alguns alunos lembraram de citar nomes de usinas hidrelétricas no Brasil para mostrar a importância das barragens na economia de um país. Outros, para contra-argumentarem, mostraram o impacto da construção das barragens nas vidas dos povos que são diretamente afetados. Assim, pudemos discutir sobre as razões (mercadológicas) para a construção de uma barragem. Dado este primeiro momento, pedimos aos alunos que fizessem uma predição de vocabulário que poderia ser encontrado nos textos, daí as palavras citadas pelos alunos:

flood control, water storage, hydroelectricity, hidroenergia, generator, hydroelectricity, irrigation, reservoir, tributary, turbine, watershed, dams, fishes, canal lock, etc...

Posteriormente à atividade de predição de vocabulário, fizemos uma leitura de identificação e comparação das palavras preditas.

**Texto 02: *The Science Is In.***

After years of studies, there is a solid scientific consensus that the surest, and probably only, way to recover Snake River salmon is to remove parts of the four lower Snake River dams to restore natural river flows. In March 1999, more than 200 Northwest scientists sent a letter to President Clinton to say, in part: “*the weight of scientific evidence clearly shows that wild Snake River salmon and steelhead runs cannot be recovered under existing river conditions. Enough time remains to restore them, but only if the failed practices of the past are abandoned and we move quickly to restore the normative river conditions under which these fish evolved...Biologically, the choice of how to best recover these fish is clear, and the consequences of maintaining the status quo are all but certain.*” Today, the list of scientists from across the Nation supporting the removal of the 4 lower Snake River dams in order to restore these historic populations of wild fish exceeds 500...and is still growing

Iniciamos discussões com os alunos, de forma a levá-los a perceber a diferença entre os enunciadores deste texto com os textos lidos nas aulas anteriores. Estabelecemos, assim, atividades em que os alunos puderam notar que os textos não apresentam a mesma forma de referenciar o problema. Ao notarem as diferenças que marcam os lugares ocupados pelos enunciadores nos textos, foi possível perceber as fronteiras dos dizeres, perceber

## OLIVEIRA - A leitura na língua estrangeira: uma proposta de ensino de leitura e discurso

quais são as particularidades dos enunciadores e como elas significam o texto. Propusemos, também, atividades em que os alunos puderam encontrar as marcas do discurso da ciência no texto, tais como:

(...) **After years of studies** (...) – a questão do tempo de estudo e dedicação dos cientistas como um argumento dificilmente irrefutável pelas autoridades políticas e entidades sociais.

(...) **solid scientific consensus that the surest** (...) – argumento científico que se pauta na solidez dos estudos é aqui marcada linguisticamente pela utilização do adjetivo “**solid**” e do superlativo “**the surest**”

(...) **more than 200 Northwest scientists sent a letter to President** (...)

(...) the weight of scientific evidence clearly shows that(...)

(...) **the list of scientists from across the Nation exceeds 500 and is still growing**

(...)

Argumentação fundamentada na quantidade de cientistas que assinaram a carta enviada ao presidente. Foi importante que os alunos perceberam que esse número de cientistas corrobora para a importância e seriedade do conteúdo da carta.

Depois da leitura, foi possível os alunos identificarem a “idéia principal” do texto por meio de enunciados predominantes no texto e identificarem os argumentos dos cientistas tal como a estrutura lingüística do discurso cientista. Por meio do levantamento das marcas lingüísticas presentes no texto, os alunos puderam identificar a imagem que os cientistas fazem: deles mesmos, do ex-presidente Bill Clinton, do Rio Snake e do Salmão. Após leitura e discussão, pedimos aos alunos que comparassem as imagens de rio e salmão presentes neste texto e as imagens que os índios fazem no texto 01. Para entender tais diferenças, destacamos para os alunos que as condições, sob as quais os cientistas escreveram a carta intimando o presidente, não eram as mesmas sob as quais o texto 01 foi escrito. Outras atividades feitas pelos alunos foram:

1 Comparar os interlocutores previstos para os dois textos;

2 Perceber a relação de tempo para os cientistas: Passado (ações ruins, prejuízo para os rios) + Presente (instável, porém com possibilidades de melhoras) = Futuro (bom somente se as condições dos cientistas forem acatadas);

3 Estudar marcas de tempo;

4 Analisar mapas que contém Barragens a que, provavelmente, se referem os cientistas;

5 Analisar plano dos cientistas.

Na aula seguinte, ao término das atividades, propusemos a leitura do texto “*Wild Snake River Salmon... An American Treasure at Risk of Extinction*”, sendo, antes de entregarmos o texto para os alunos, escrevemos algumas questões no quadro. Foram elas:

a) quais são as características dos textos produzidos por instituições de preservação ambiental e quais efeitos pretendem ?

- b) qual a importância do peixe-boi para as populações ribeiras na bacia amazônica ?  
c) quais seriam as formas de se articularem ações de organizações diversas em prol da defesa do peixe-boi ?

**Texto 03: Wild Snake River Salmon...  
An American Treasure at Risk of Extinction**



Rescuing Snake and Columbia River wild salmon and steelhead from extinction is one of America's foremost environmental issues and economic challenges. Will America's northwest wild salmon, today an endangered species, thrive once again in the rivers of Lewis and Clark? At the start of a new millenium, the people of the Northwest and the Nation will answer this question, working in concert with Congress and the Administration, and with the Northwest States and Indian tribes.

When Lewis and Clark encountered the Snake River (and the Indian people who helped to save their lives) in 1805, five to eight *million* wild adult salmon returned from the Pacific Ocean to the Snake each year. Today, as we near the 200th anniversary of Lewis and Clark's expedition, a mere five *thousand* wild salmon, of all species, return to the Snake. All five species of Snake River salmon and steelhead are listed under the Endangered Species Act, headed toward extinction. The primary reason is that eight federal dams and reservoirs now lie between the inland streams where salmon are born and the ocean where they spend most of their lives.

As of November 2001, hundreds of organizations nationwide - Indian tribes and conservation, fishing, business, and taxpayer groups - have joined to support one major measure without which Snake River salmon will go extinct. That measure is partial removal of four federal dams on the lower Snake River to re-create 140 miles of free-flowing river and habitat ("partial removal" means only the earthen section of each dam is removed; the concrete section remains and the re-created river flows around it).

This website summarizes the case for partially removing the four lower Snake River dams - four out of more than 200 dams in the Columbia River basin. Dam removal and salmon recovery is not simply another environmental issue. It is tightly linked to economic and cultural issues. And it is the sensible path for the wild salmon and people of the Northwest:

- It is cost-effective and affordable.
- It can strengthen the Northwest economy. In the Northwest and the Nation, we can use the needed transition of dam removal to both save money and invest in the future of its rural communities.

By restoring these salmon to the river, Americans will keep our treaty promises to Indian tribes and Canada. The Lewis and Clark bicentennial will be a celebration of our heritage, not a funeral for our salmon.

Pudemos notar juntamente com os alunos, que, diferentemente dos textos das primeiras aulas, esse texto adjetiva os rios Snake e Columbia e o salmão como *tesouros da América*, “*An American Treasure at Risk of Extinction*” e não como importantes somente para as tribos indígenas. Para isso, resgata a imagem de exploradores “brancos” importantes para a história dos EUA, “Lewis and Clark”, que acabam por representar textual e discursivamente todos os americanos.

Vemos, então, na seqüência argumentativa do texto, um processo discursivo de apagamento de qualquer possibilidade de se fazer uma leitura de que o início do processo de degradação do rio tenha se dado com a “Lewis and Clark’s expedition”. O texto, a todo o momento, se refere a essa expedição como um fator de orgulho para a nação estadunidense, desvinculando-a de qualquer responsabilidade sobre os efeitos nocivos que ela possa ter causado ao ciclo do salmão e à vida dos índios. O texto tenta apagar um efeito de sentido de contradição em que se sustenta, pois o “tesouro americano” somente corre o risco de extinção porque há exatamente 200 anos foi iniciado, com a expedição de Lewis e Clark, um processo de exploração dos recursos do rio. Cabe dizer que essa tentativa de apagamento das contradições (sentidos outros, como o que apontamos acima) se dá pela esfera ideológica e inconsciente, já que na Teoria do Discurso os sujeitos não têm total controle do que dizem, embora haja, necessariamente, a impressão de controle sobre os sentidos do que diz. Como afirma Orlandi (2001: 13):

“Na tensão das relações significativas – na memória, onde o sujeito não alcança como os sentidos estão nele – faz-se sentido antes que ele faça sentido, estabelecendo-se um processo em que joga o gesto de interpretação, a formulação. É a esta que temos acesso”.

Isto tem a ver com o fato de que os homens (sujeitos determinados pelos processos ideológicos) estão sempre interpretando. Assim, enquanto os sujeitos em sociedade estão em constante interpretação, os pesquisadores de linguagem, apoiados em seu dispositivo teórico de interpretação (cf. Orlandi, 1996 e 2001), procuram compreender como um objeto simbólico produz sentido. Em outras palavras, o pesquisador objetiva ir além da formulação, isto é, ele deve remetê-la à memória discursiva (ao interdiscurso).

Note-se que o texto não traz um enunciador indígena falando sobre a expedição, pois esta poderia ser significada totalmente de outra forma, ou seja, um índio poderia afirmar que a expedição foi justamente o ponto de partida para se chegar ao estado em que os rios se encontram hoje.

O texto relata que, em novembro de 2001, centenas de organizações de toda a nação, dentre elas algumas compostas por indígenas, se encontraram para pedir a remoção das barragens federais ao longo dos rios. Essa medida seria vista como uma volta ao passado memorável, em que os rios fluíam livremente e que podiam ser *explorados* sem causar danos à saúde de seus *exploradores aventureiros* (aqui explorar e exploradores remetem a uma concepção de turismo mercadológico), tempo em que não havia barragens. Mas, notemos que eles afirmam pedir apenas a remoção parcial, pois “sabem” da impossibilidade da remoção de todas as barragens dos rios Snake e Columbia. Fica dito desta forma, embora

tente-se apagar tal sentido, que, com a expedição, deu-se o início da exploração dos rios que culminou em uma perda irreparável da condição de paraíso.

Ao final do texto, após ter descrito a situação dos rios, o enunciador mobiliza dois argumentos pensando no convencimento de seu interlocutor que, por sua vez, só pode se dar tendo como parâmetros argumentos econômicos: Vejamos:

1 It is *cost-effective* and affordable.

2 It can strengthen the Northwest *economy*. In the Northwest and the Nation, we can use the needed transition of dam removal to both *save money and invest*

Vejamos, aqui, como a escolha lexical está intimamente imbricada à imagem que os interlocutores têm de si, ou seja, fala-se em custos e quantias, pois se fala com homens que priorizam estes fatores antes de tomar quaisquer decisões.

Ao final da atividade, pedimos aos alunos que:

- a) confrontassem com os textos estudados anteriormente para perceberem a forma de construção do objeto do discurso;
- b) identificassem os argumentos utilizados pelos enunciadores;
- c) justificassem a presença de vários segmentos da sociedade unidos em um mesmo texto;
- d) identificassem quais memórias discursivas atravessam o texto;
- e) Identificassem os vários momentos em que o salmão e os rios são referidos. Notar diferenças entre esses momentos e a suas predominâncias;

Na última aula, trabalhamos com a leitura do texto do gênero anúncio publicitário “*Welcome to the Grand Coulee Dam Area!*”. Antes de iniciar a leitura, pedimos aos alunos que:

- a) Falassem sobre suas experiências como turistas
- b) Discutissem sobre os textos de gênero publicitário e seus objetivos frente aos leitores
- c) levantassem marcas lingüísticas que caracterizam o texto publicitário

Depois de feitas as discussões, partimos para a leitura do texto:

Texto 04: *Welcome to the  Grand Coulee Dam Area!*

### **Bring the family!**

Try your luck at fishing the many lakes and rivers. ( open all year round ) Take a nature

walk, or hike on one of over a dozen scenic and historic trails.

You'll find The Coulee Area

*has plenty to offer!*

18 Hole Golf, Casino, Abundant

Wildlife & Bird Viewing, Nature Walks, Hiking, Camping, Photography, Hunting & Fishing

**Spring** is Here....

The Grass is Rise...

I wonder where....

The Flowers is ???

**They're Here !!**

**The Flowers** are beginning to Bloom and the Grass is greening...

Now is a great time to visit the Coulee !!



Ogden  
Nash



There is plenty of Wildlife out & about, enjoying the ever warming temperatures and longer days. Don't forget your camera and Binoculars!!

Foi possível observar, juntamente com os alunos, que é construída uma região de sentidos para o referente discursivo – as barragens dos rios Snake e Columbia – neste texto publicitário diferentemente de todos os textos anteriores, sendo possível afirmarmos que é constitutivo de uma formação discursiva oposta às que pertencem os outros textos. Ao considerar as barragens hidroelétricas como pontos turísticos e convocar os leitores, turistas em potencial, a tentarem uma pesca, o texto mostra desconsiderar completamente as reivindicações e preocupações das tribos indígenas e cientistas, isso porque, seu enunciador está em outra região de dizer. Os alunos puderam notar que há, neste texto, um processo discursivo de silenciamento / apagamento das reivindicações presentes nos textos lidos anteriormente, gerando assim um efeito de não existência absoluta do problema ecológico, ou seja, o turista que lê o anúncio sobre as barragens não encontra nenhuma referência sequer que o faça refletir sobre as manifestações de indígenas e de cientistas para a desativação das barragens. Isto se dá pelo fato de a formação discursiva de onde o texto publicitário é enunciado determinar completamente a configuração do referente discursivo. Para explicarmos, tal fato, perguntamos aos alunos se eles trabalhassem para a agência publicitária que fez tal anúncio qual seria a postura deles. Desta forma, foi possível para os alunos perceberem que o texto não faz menção à problemática do salmão e dos desvios que as barragens causam aos rios justamente porque se trata de um texto cujo objetivo é atrair o turismo para a região.

Foi possível, também, para os alunos perceberem que, sintaticamente este texto é marcado pela presença de imperativos, típico da área de publicidade, cujo sujeito pressuposto é aquele que deve cumprir as ordens do mercado do turismo:

**Bring the family!** Try your luck at fishing (...) **Take** a nature walk, or hike on one of over a dozen scenic and historic trails. **Don't forget** your camera and Binoculars

Vimos, também, uma configuração de um campo semântico que se volta para a prática de esportes ligados aos recursos naturais que os rios oferecem:

**Abundant Wildlife & Bird Viewing, Nature Walks, Hiking, Camping, Photography, Hunting & Fishing**

Sabemos, pois, que os recursos lingüísticos de um texto estão carregados de significados que marcam as posições discursivas de onde esse texto é enunciado. Sendo assim, estamos habilitados a afirmar que o texto “*Welcome to the Grand Coulee Dam Area*”, pelas marcas textuais, dentre outras, por exemplo, o não verbal, que neste texto funciona representando as belezas naturais do lugar, traz uma memória de textos constitutivos da área de vendas e negócios em que o objetivo é convencer o leitor a comprar um pacote de viagem turística.

Por fim, pudemos notar que o texto baseia-se fundamentalmente na construção de imagens para o lugar que remetem à felicidade e prazer. Lugar em que não existem problemas e que o turista não pode deixar de visitar... “Now is a great time to visit the Coulee”.

Após a leitura e discussão do texto e levantamento dos recursos lingüísticos e discursivos presentes no texto, pedimos aos alunos que:

a) Fizessem um anúncio publicitário convidando os leitores a visitar as tribos indígenas e conhecer como a histórias desses povos está atrelada à sobrevivência do salmão;

b) Apontassem como o enunciador do texto significa as barragens e marcam suas posições;

c) Identificassem argumentos de convencimento do enunciador para que se visitem as barragens;

d) Explicassem, do ponto de vista publicitário, qual a relação que pode ser feita entre “**18 Hole Golf, Casino**” presente no texto e o produto que está sendo oferecido;

e) Alunos explicam, do ponto de vista publicitário, a incongruência entre : i) Try your luck at fishing the many lakes and rivers. ( open all year round) e ii) Now is a great time to visit the Coulee;

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir este texto, ainda que imaginariamente, afirmamos que o ensino de leitura em língua estrangeira deve considerar os textos utilizados em aula não somente como fonte de saber lingüístico, mas como manifestação material do discurso. Nossa proposta foi a de compartilhar práticas de ensino de leitura a partir de uma concepção discursiva da linguagem, isto é, tomamos uma posição segundo a qual a língua é tomada como estrutura e acontecimento. Vimos que, para se ensinar leitura em uma língua estrangeira, é fundamental que se considere o gênero discursivo que constitui o texto, pois, mesmo considerando que o funcionamento de um texto possa diferir da função, os sujeitos, no ato da leitura em

língua estrangeira, se posicionam em um determinado lugar de dizer e tomam como referência a região discursiva a partir do qual o texto é dito. Ensinar a ler em língua estrangeira é fazer com que os sujeitos envolvidos no processo percebam o quanto e de que forma o texto faz parte de uma região de dizer e notem como os sujeitos a que o texto se refere se relacionam com o objeto do discurso.

Procuramos mostrar que o ensino de leitura em LE, segundo a perspectiva da Análise de Discurso, é pensado como um processo de tomada de palavra, assim como de posição discursiva. Este processo se dá mediante a consideração da materialidade lingüística da LE estudada, ou seja, da estrutura lingüística da LE, dos aspectos não-verbais, dos gêneros discursivos, das posições que os sujeitos referidos pelo texto tomam, assim como a consideração do acontecimento discursivo. Em outras palavras, uma concepção discursiva de ensino de leitura em língua estrangeira considera que o texto lido em sala de aula não deve ser concebido como pretexto para se ensinar algum tópico da estrutura, da gramática, mas para realmente inserir o leitor na discursividade aberta pelo texto.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. (1992). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

ORLANDI, E. P. (2000). *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Pontes, Campinas.

\_\_\_\_\_. (1996). *Interpretação*. Ed. Vozes, Petrópolis.

\_\_\_\_\_. (2001). *Discurso e Texto. Formulação e Circulação dos Sentidos*. Pontes, Campinas

PECHÊUX, M. (1983). “*Discours. Structure ou Envennement*”, Illinois University Press. trad. brás.

(1990). *O Discurso – estrutura ou acontecimento*. E. Orlandi. Ed. Pontes, Campinas.

SERRANI, S. (Org.). (2002). *Línguas Estrangeiras e Processos Discursivos. Fragmentos*, Florianópolis: Ed. Da UFSC.

SERRANI, S. (2003). “Memórias Discursivas, Línguas e Identidades Lingüístico-culturais”. Revista *Organon*, Porto Alegre, no prelo.

\_\_\_\_\_. (2003). “Docente de lenguas como interculturalista”, Revista *Lenguas Vivas*, Buenos Aires, no prelo.

Textos para as atividades retirado do site: <http://www.critfc.org/text/tribes.html>

Recebido: 11/07/2005

Aceito: 02/05/2006